

## Consciência fonológica - dados sobre consciência fonémica, intrassilábica e silábica

*Dina Alves<sup>#</sup>, Ana Castro<sup>+</sup> & Susana Correia<sup>\*</sup>*

#CLUL, Escola Superior de Saúde Egas Moniz e Relicário de Sons; <sup>+</sup>Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Setúbal e CLUNL; <sup>\*</sup>CLUL

### Abstract

We present the results of a set of studies aiming at identifying the relevant linguistic properties on assessing and training phonemic, intrasyllabic and syllabic awareness abilities. It is shown that age, task and linguistic variables (such as word extension, syllabic structure, stress position, and phonemic properties) must be considered in the construction of phonological awareness tests. The studies reported here fulfill the first milestone of an ongoing project aiming at constructing phonological awareness tools for assessment and intervention with Portuguese preschoolers and primary schoolers.

**Keywords:** Phonological awareness, tests, phonemic, syllabic, intrasyllabic.

**Palavras-chave:** Consciência fonológica, testes, fonémica, silábica, intrassilábica.

### 1. Consciência fonológica - avaliação para o português europeu (PE)

Neste artigo, apresenta-se uma descrição dos resultados obtidos num conjunto de estudos exploratórios desenvolvidos no âmbito do Projecto ‘Consciência Fonológica - instrumentos para a intervenção clínica e pedagógica’.<sup>1</sup> Pretendeu-se avaliar o impacto das propriedades linguísticas do sistema-alvo, em particular as propriedades fonológicas,

---

<sup>1</sup> O Projecto ‘Consciência Fonológica - instrumentos para a intervenção clínica e pedagógica’ é financiado pelo Instituto Politécnico de Setúbal e tem como instituições intervenientes a Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Setúbal (ESS-IPS), a Escola Superior de Saúde Egas Moniz (ESSEM) e a Escola Superior de Saúde da Universidade do Algarve (ESSaF). Um agradecimento especial às autoras dos estudos monográficos (alunas da ESS-IPS, ESSEM e ESSaF), à Professora Marina Estela e aos alunos da licenciatura em Design de Comunicação da Escola Superior de Educação e Comunicação da Universidade do Algarve, bem como às instituições e crianças que participaram nos estudos.

assim como das tarefas que medeiam a avaliação destas competências, no desempenho de tarefas de consciência fonológica. Os dados obtidos servirão de base empírica à construção de um instrumento de avaliação da consciência fonológica, a validar e aferir à população portuguesa. Esse instrumento servirá para avaliação, mas também como ferramenta para o planeamento de intervenções clínicas e/ou pedagógicas mais eficientes no desenvolvimento de competências de leitura e escrita. Na linha deste objectivo, será igualmente desenvolvido um conjunto de ferramentas e materiais de intervenção, colmatando assim a fraca oferta de recursos desenvolvidos para o PE.

A consciência fonológica pode ser definida como a capacidade para desempenhar tarefas de análise da estrutura sonora de uma língua particular. Trata-se de uma capacidade inerente à aquisição do princípio alfabético e fulcral para o desempenho das competências de leitura e escrita, em crianças e em adultos, com ou sem perturbações da linguagem (Brady & Shankweiler, 1991; Castro-Caldas & Reis, 2000; Gillon, 2004; Morais & Kolinsky, 2005; Morais, 1997; Silva, 2003; Sim-Sim, Ramos & Santos, 2006; Veloso, 2003; Viana, 2002; entre outros).

Em Portugal, reconhece-se a importância de avaliar esta capacidade em crianças de idade pré-escolar e escolar, tanto em contexto educativo como em contexto clínico, uma vez que algumas tarefas de análise da estrutura sonora estão incluídas em testes de rastreio de perturbações da linguagem, e outras integram especificamente testes de avaliação do processamento fonológico. Alguns dos instrumentos mais utilizados pelos profissionais com acção neste âmbito (terapeutas da fala, educadores, professores e psicólogos) são os seguintes: *ALO* (Sim-Sim, 2001), *GOL-E* (Sua-Kay & Santos, 2003), *TICL* (Viana, 2002), *PALPA-P* (Castro, Caló & Gomes, 2007), *BANC* (descrito em Albuquerque, Martins & Simões, 2007), *BPF* (Silva, 2001), *TOPA* (Torgesen & Bryant, 1993) e *RDBM* (Borel-Maissonny, s.d.). Existem, também, materiais desenvolvidos para contexto educativo, como o trabalho de Freitas, Alves & Costa (2007), no âmbito do Plano Nacional do Ensino do Português, e o de Viana (2001), entre outros. Apesar da relativa quantidade e variedade de testes de avaliação da consciência fonológica para o PE, muitos deles apresentam limitações. De facto, a maior parte dos instrumentos formais de avaliação e reabilitação das perturbações da consciência fonológica em PE é insuficiente e insatisfatória, já que:

- i. nem sempre estes instrumentos sofreram os devidos processos de validação psicométrica e aferição à população portuguesa, isto é, não reflectem necessariamente dificuldades de processamento decorrentes das propriedades linguísticas do sistema-alvo (por invalidade e/ou infidelidade do constructo, do critério, entre outras) (Kline, 1986);

- ii. nem sempre controlam as propriedades fonológicas da língua com impacto no desempenho da consciência fonológica, isto é, tendem a avaliar manifestações superficiais da consciência linguística enquanto resultado de uma tarefa e não enquanto operação (meta)fonológica influenciada pelas propriedades da língua (Alves, em prep.; Treiman & Zukowski, 1996, entre outros);

iii. nem sempre diversificam as tarefas utilizadas, isto é, resumem a avaliação e/ou a intervenção a alguns níveis da consciência fonológica e a algumas tarefas específicas, ignorando outras que podem apresentar níveis de dificuldade diferenciados.

## **2. Método**

Neste trabalho, dar-se-á conta dos dados obtidos em estudos observacionais descritivos e transversais de crianças em idade pré-escolar e escolar (dos 3 aos 8 anos). Estes estudos, de carácter exploratório, estão, como já referido, integrados no Projecto ‘Consciência Fonológica - instrumentos para a intervenção clínica e pedagógica’, e recaíram sobre os seguintes aspectos:<sup>2</sup>

- i. consciência silábica em idade pré-escolar e escolar - Jesus (2008), Santana (2008) e Vasco (2008);
- ii. consciência fonémica em idade escolar - Afonso (2008), Aparício (2008) e Silva (2008);
- iii. consciência intrassilábica em idade pré-escolar e escolar - Meireles (2008) e Barriguita (2008).

### **2.1. Critérios de inclusão e de exclusão**

Na amostra, foram incluídos falantes monolíngues de PE em idade pré-escolar e escolar, com desenvolvimento de linguagem normal (com resultado num teste de avaliação da linguagem  $\geq$  percentil 50) e boa discriminação auditiva (com resultado num teste de discriminação auditiva de  $\geq 20/22$ ).<sup>3</sup> Foram excluídas crianças com alterações da linguagem oral, com alterações da discriminação auditiva, com défices sensoriais (não corrigidos) ou cognitivos, ou a ser acompanhadas em terapia da fala no momento da recolha dos dados.

### **2.2. Procedimentos para selecção da amostra**

Numa primeira fase, foram apresentados formulários para obtenção de consentimento informado às instituições de educação e aos encarregados de educação.

---

<sup>2</sup> Estes estudos foram desenvolvidos no âmbito dos projectos de investigação elaborados por alunos finalistas de licenciaturas em Terapia da Fala, no ano lectivo de 2007/2008.

<sup>3</sup> Os testes usados foram, para a discriminação auditiva, o *Teste de Discriminação Fonológica de Alves* (em preparação) e o *Teste de Discriminação Auditiva de Pares Mínimos*, de Guimarães Grilo (1997); para a linguagem, TALC (idade pré-escolar), de Sua-Kay & Tavares (2007), e GOL-E (idade escolar), de Sua-Kay & Santos (2003); para a articulação, TAPAC-PE, grupo I, de Falé *et al.* (2001).

Seguidamente, foi elaborado um questionário aos educadores (para pré-selecção das crianças a incluir na amostra). Seguidamente, foram aplicados os testes de rastreio da linguagem, o teste de discriminação auditiva e foi feita uma avaliação da articulação.

### **2.3. Critérios linguísticos**

De uma forma global, em todos os estudos aqui apresentados, as variáveis e os critérios linguísticos e extra-linguísticos considerados foram: extensão de palavra, estrutura silábica, qualidade do segmento, posição do acento, categoria sintáctica, imageabilidade da palavra-estímulo, proximidade entre os estímulos e o conhecimento lexical das crianças, formato de apresentação dos estímulos (audiovisual).

## **3. Resultados**

Nesta secção, apresentam-se os estudos conduzidos nas três áreas referidas (consciência fonémica, intrassilábica e silábica), detalhando as suas variáveis e método específicos, bem como os resultados obtidos.

Na análise descritiva, consideraram-se desempenhos adquiridos ou dominados, os resultados acima dos 85% (Yavas, Matzenauer-Hernandorena & Lamprecht, 1991). Na análise inferencial, considerou-se um nível de significância  $< .05$  (Maroco, 2003).

### **3.1. Consciência fonémica - resultados preliminares**

Os estudos de Silva (2008), Afonso (2008) e Aparício (2008) tiveram como objecto o desempenho de crianças em idade escolar, relativamente a consciência fonémica. A amostra foi de 75 crianças a frequentar os 1º, 2º e 3º anos do 1º ciclo do ensino básico ( $n=25$  em cada grupo). As variáveis independentes consideradas foram: grau de escolaridade (1º, 2º e 3º anos), extensão de palavra (mono-, di- e trissílabos), tarefa (síntese e segmentação), acentuação da sílaba alvo (tónica e átona), modo de articulação (MA) do segmento inicial (oclusiva, fricativa, nasal, lateral e vibrante).

No gráfico 1, apresenta-se a percentagem de sucesso nas tarefas de segmentação e síntese do fonema inicial, no 1º, 2º e 3º anos de escolaridade.

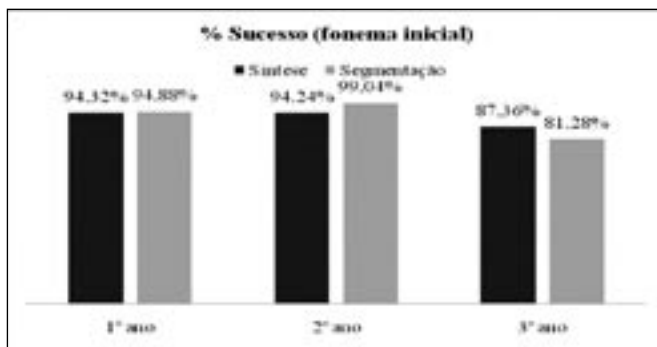


Gráfico 1: Percentagem de sucesso nas tarefas de síntese e segmentação fonémica (fonema inicial) por nível de escolaridade

Observa-se que, apesar de nos 3 anos de escolaridade o desempenho das tarefas de segmentação e síntese do fonema inicial ser bom, no 3º ano há um ligeiro decréscimo do desempenho nos alunos (87,36% na síntese e 81,28% na segmentação), o que revela um possível *efeito decorrente do processo de alfabetização* e não da idade (3º ano < 1º e 2º).

Foi observado um *efeito de tarefa* (com a síntese a obter melhores resultados do que a segmentação), apesar de esta tendência apenas se verificar, com valores estatisticamente significativos, no 2º ano de escolaridade. No 3º ano, a diferença observável no gráfico entre segmentação e síntese do fonema inicial não é significativa.

No Gráfico 2, apresentam-se os resultados em função do nível de escolaridade e do formato das palavras testadas (monossílabos, dissílabos e trissílabos).



Gráfico 2: Percentagens de sucesso por extensão de palavra, por ano de escolaridade

Observa-se um ligeiro decréscimo nos valores percentuais relativos à taxa de sucesso na segmentação e síntese do fonema inicial nos alunos do 3º ano de escolaridade

em todos os formatos de palavra (monossílabos 88,2%, dissílabos 85,9% e trissílabos 80,8%). Apesar disso, de um modo geral, os valores de sucesso no desempenho destas tarefas foi considerado satisfatório.

A tabela 1 expõe uma análise dos resultados em função da tarefa (segmentação ou síntese), para a variável *extensão de palavra*.

<b>Segmentação</b>			
	monossílabos	dissílabos	trissílabos
1º ano	98.80%	95.20%	95%
2º ano	99.60%	99.20%	98.60%
3º ano	81.20%	82.20%	80.40%

<b>Síntese</b>			
	monossílabos	dissílabos	trissílabos
1º ano	99.60%	98.20%	88%
2º ano	98.80%	95.60%	90.60%
3º ano	95.20%	89.60%	81.20%

Tabela 1: Percentagem de sucesso em tarefas de segmentação e síntese por ano de escolaridade

Apesar de se observar um desempenho mais fraco na tarefa de segmentação do que na tarefa de síntese, os dados corroboram o já observado anteriormente, na medida em que, independentemente da tarefa, se verifica um decréscimo no desempenho dos alunos do 3º ano de escolaridade comparativamente aos do 1º e 2º anos, em todos os formatos de palavra (monossílabos 81,2% e 95,20%, dissílabos 82,2% e 89,6%, trissílabos 80,4% e 81,20%, nas tarefas de segmentação e de síntese, respectivamente).

Em suma, os resultados revelam um *efeito de extensão da palavra* (com melhores desempenhos nos monossílabos do que nos dissílabos e com melhores desempenhos nos dissílabos do que nos trissílabos) e um *efeito de tarefa*.

Ainda no que respeita os resultados relativos à segmentação e síntese do fonema inicial, não foi observado um *efeito de modo de articulação (MA)*, critério que esteve na base da selecção das palavras seleccionadas.

Do mesmo modo, também não foi observado qualquer *efeito de acento* da sílaba alvo, isto é, não houve diferenças significativas entre o desempenho das crianças na segmentação e síntese do fonema inicial em sílaba tónica ou átona.

### 3.2. Consciência intrassilábica - resultados preliminares

Os estudos de Barriguita (2008) e Meireles (2008) tiveram como objecto o desempenho de crianças em idade escolar e pré-escolar. A amostra de cada estudo era constituída por 75 crianças a frequentar a sala dos 3, 4, 5 anos e os 1º e 2º anos do 1º

ciclo do ensino básico (n=15 em cada grupo). As variáveis independentes consideradas foram: grau de escolaridade (sala dos 3, 4, 5 anos e 1º e 2º anos do 1 ciclo), extensão de palavra (di- e trissílabos), tarefa (segmentação), acentuação da sílaba alvo (tónica e átona), modo de articulação (MA) do segmento da sílaba-alvo (oclusiva, fricativa, nasal, lateral e vibrante).

No estudo de Barriguita (2008), as variáveis dependentes foram os segmentos [l]/[ʎ] e [r] em todos os constituintes silábicos (Ataque simples (AS), Ataque ramificado (AR) e Coda (C)), tal como o ilustra a série-tipo da tabela 2.

	[r] - [l] em AS	[r] - [l] em AR	[r] - [ʎ] em C
<b>Série-tipo</b>	<i>pêro-pêlo</i>	<i>prumo-pluma</i>	<i>purga-pulga</i>

Tabela 2: Condições e série-tipo de Barriguita (2008)

No estudo de Meireles (2008), as variáveis dependentes foram os segmentos [r], [ʎ], [ʃ] e [ʒ] em Coda (C) integradas em sílabas com as seguintes propriedades fonológicas (ver tabela 3): Ataque preenchido com material segmental (AP=Ataque preenchido) ou Ataque desprovido de material segmental (AV) e Núcleo preenchido com vogal plena (NP) ou Núcleo preenchido com uma vogal reduzida (NR) ou com [ʃ] (NV=Núcleo vazio<sup>4</sup>).

	[ʃ] em C	[ʒ] em C	[r] em C	[ʎ] em C
<b>Série-tipo</b>	<i>astro-mastro</i>	<i>asma-pasma</i>	<i>arco-barco</i>	<i>alça-salsa</i>

Tabela 3: Série-tipo de Meireles (2008) para as condições AV\_NP - AP\_NP na sílaba das codas [ʃ], [ʒ], [r] e [ʎ]

Para verificar o efeito do constituinte de acolhimento de um dos segmentos em estudo ([r] em AS, AR ou C), procedeu-se à análise dos resultados do Gráfico 3.



Gráfico 3: Percentagens de sucesso para [r] em AS, AR e C

<sup>4</sup> Sobre o “núcleo vazio”, consultar Veloso (2003).

Estes dados permitem-nos traçar um esquema que aponta para um processamento mais consciente do segmento [r] quando associado aos AS > AR > C. Este esquema é válido para todos os níveis de (pré-) escolaridade da amostra, à excepção do grupo de crianças do 1º ano que apresenta um padrão diferente: C > AS > AR. Pela observação dos resultados, verifica-se mais uma vez, à semelhança do que tem vindo a ser referido, um retrocesso no desempenho das crianças da sala dos 5 anos e do 1º ano, coincidente com a fase de reflexão mais explícita sobre as propriedades linguísticas do sistema-alvo (Sim-Sim, Ramos & Santos, 2006; Snowling & Hulme, 2005; Veloso, 2003, entre outros).

No Gráfico 4, mostram-se os resultados que permitem fazer a análise do efeito do segmento [l] em AS, AR e em C.



Gráfico 4: Percentagens de sucesso para [l]/[ʎ] em AS, AR e C

Globalmente, observa-se que a consciência do segmento [l]/[ʎ] apresenta melhores resultados quando associado aos constituintes AS > C > AR. Este esquema é válido para todos os níveis de (pré-)escolaridade da amostra, à excepção do grupo de crianças do 1º ano, tal como foi possível verificar para o segmento [r].

Com intuito de completar o estudo desenvolvido por Barriguita (2008), Meireles (2008) propõe o estudo dos quatro segmentos passíveis de preencher C, para medir o *efeito do segmento* e não do constituinte. Numa primeira fase, os resultados de Meireles (2008), apresentados na Tabela 4, foram tratados em função dos segmento ([ʎ], [3], [r] ou [ʎ]), em provas de consciência intrassilábica.



**% Sucesso por [ʃ], [ʒ], [r] e [ʔ] em C**

	[ʃ]	[ʒ]	[r]	[ʔ]
3 <sup>a</sup>	68%	72.50%	88.10%	99.10%
4 <sup>a</sup>	73.30%	78.40%	94.10%	99.10%
5 <sup>a</sup>	73.30%	75.90%	92.60%	98.40%
1 <sup>o</sup> A	84%	85%	91.10%	90.90%
2 <sup>o</sup> A	94%	96.60%	99.20%	100%

Tabela 4: Percentagens de sucesso para [ʃ], [ʒ], [r] e [ʔ] em Coda

Estes resultados apontam para um efeito da qualidade do segmento que ocupa o constituinte silábico em estudo (a coda): estímulos com líquidas em coda ([ʔ] > [r]) são mais fáceis de segmentar do que estímulos com fricativas em coda ([ʒ] > [ʃ]). Mais uma vez, verifica-se uma melhoria do desempenho à medida que a escolaridade aumenta e a ocorrência de um retrocesso no desempenho das crianças em preparação e em fase inicial da aprendizagem da leitura e da escrita.

Numa segunda fase, os resultados de Meireles (2008) foram tratados em função da variável ‘propriedades fonológicas da sílaba de acolhimento do constituinte em estudo (a coda)’, com vista à verificação de um possível efeito dessa variável - Tabela 5<sup>5</sup>.

**% Sucesso por C em contexto silábico**

	AP_NP	AV_NV	AV_NP	AP_NR
3 <sup>a</sup>	94.20%	3.50%	91.10%	20%
4 <sup>a</sup>	96.50%	6.50%	92%	53.30%
5 <sup>a</sup>	92.50%	6.50%	89.30%	73.30%
1 <sup>o</sup> A	92.50%	6.50%	90.20%	91.00%
2 <sup>o</sup> A	100%	66.50%	98.60%	97.70%

Tabela 5: Percentagens de sucesso para [ʃ], [ʒ], [r] e [ʔ] em formatos silábicos distintos

Estes resultados evidenciam um efeito do contexto fonológico adjacente ao constituinte silábico em estudo (a Coda). A associação de codas a sílabas com núcleos plenos (NP) e a ataques preenchidos com material segmental (AP) parece favorecer a tarefa. Contrariamente, a associação desse constituinte a núcleos vazios (NV) e a ataques vazios (AV) parece prejudicar a capacidade de segmentação dos sujeitos testados. Com base nestes dados, propomos um esquema que aponta para um processamento mais eficiente da coda

<sup>5</sup> Na tabela 5, AP = Ataque preenchido; NP = Núcleo Preenchido; AV = Ataque vazio = NV = Núcleo vazio; NR = Núcleo reduzido.

nos seguintes contextos silábicos NP\_AP > NP\_AV > NR\_AP > NV\_AV, com diferenças significativas.

### 3.3. Consciência silábica - resultados preliminares

Os estudos sobre consciência silábica centraram-se em três tarefas: segmentação silábica (Vasco, 2008), exclusão de sílaba final e inicial (Santana, 2008) e identificação de sílaba inicial (Jesus, 2008).

A amostra, de conveniência e comum aos três estudos, foi constituída por 90 crianças, do sexo masculino e feminino, dos 4 anos e 6 meses aos sete anos e cinco meses, residentes nos distritos de Setúbal e Santarém, distribuídas por três grupos etários com aproximadamente 30 crianças cada.

O estudo de segmentação silábica (Vasco, 2008) teve como variáveis: idade (grupo pré-escolar e grupo escolar), extensão de palavra (mono, di e trissílabos) e estrutura silábica da sílaba alvo (V, VC, CV, CVC, CCV, CCVC).

As palavras-estímulo eram todas graves, não incluíam hiatos, vogais nasais ou vogais fechadas/reduzidas ([u] e [+]). A tarefa consistia em dividir a palavra apresentada oralmente em sílabas com ou sem auxílio de batimentos.

Os resultados das percentagens de sucesso dos dois grupos de (pré-)escolaridade relativos a extensão de palavra apresentam-se no Gráfico 5.

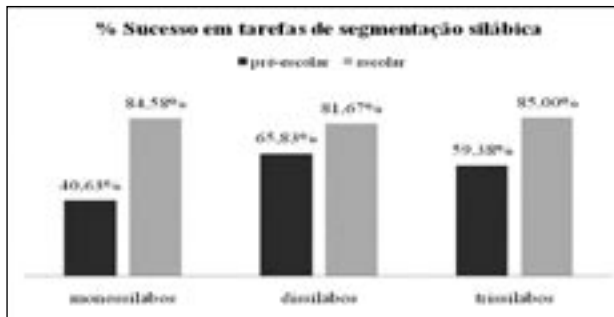


Gráfico 5: Percentagem de sucesso em tarefas de segmentação silábica, por extensão de palavra, no nível pré-escolar e escolar

No grupo pré-escolar, estes resultados de Vasco (2008) revelaram um *efeito de idade/escolaridade*, um *efeito de extensão de palavra* (mono > tri > di-sílabos) e um *efeito de estrutura silábica*, nomeadamente da estrutura CCVC. Uma vez que não houve efeitos significativos no grupo escolar, conclui-se que esta tarefa de segmentação silábica está dominada no 1º ano de escolaridade.

Na Tabela 6, apresentam-se os resultados mais detalhados por idade e nível de (pré-)escolaridade, extensão de palavra e estrutura silábica.

Monossílabos						
	V	VC	CV	CVC	CCV	CCVC
<b>pré-escolar</b>	--	34.17%	52.50%	23.33%	57.50%	29.17%
<b>escolar</b>	--	86.67%	100.00%	83.30%	90.00%	65.00%
Dissílabos						
	V	VC	CV	CVC	CCV	CCVC
<b>pré-escolar</b>	91.67%	91.67%	93.33%	78.33%	58.33%	33.33%
<b>escolar</b>	96.67%	91.67%	96.67%	91.67%	73.33%	65.00%
Trissílabos						
	V	VC	CV	CVC	CCV	CCVC
<b>pré-escolar</b>	--	--	83.33%	75.00%	40.83%	38.33%
<b>escolar</b>	--	--	100.00%	100.00%	61.67%	78.33%

Tabela 6: Percentagem de sucesso em tarefas de segmentação silábica, por tipo de sílaba, ano de escolaridade e extensão de palavra

Assumindo globalmente a *extensão de palavra* e o *nível de (pré-)escolaridade*, a leitura desta tabela sugere que o formato silábico que propicia melhores resultados é CV uma vez que, para as seis linhas de resultados apurados, existe apenas um valor acima dos desta estrutura (57,5% para a segmentação de monossílabos com CCV no grupo de pré-escolar). O formato com piores resultados é CCV na medida em que, para as seis linhas de resultados apurados, existem apenas dois outros formatos concorrentes: CVC com 23,33% para a segmentação de monossílabos no grupo pré-escolar e CCV com 61,67% para a segmentação de trissílabos no grupo escolar.

O estudo de exclusão silábica (Santana, 2008) teve como variáveis idade (grupo pré-escolar e grupo escolar), posição da sílaba a excluir (inicial e final) e estrutura silábica da sílaba alvo (V, VC, CV, CVC, CCV, CCVC). Todas as palavras estímulo foram dissílabos graves. Os resultados das percentagens de sucesso relativos à localização da sílaba a excluir no estudo de Santana (2008) apresentam-se no Gráfico 6.

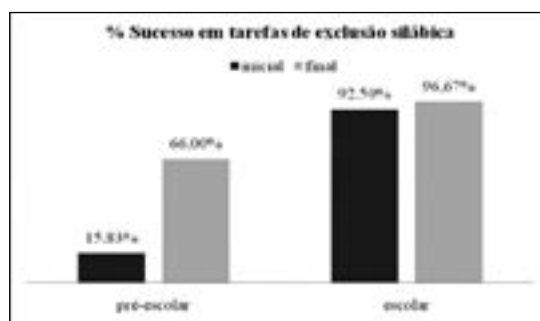


Gráfico 6: Percentagem de sucesso em tarefas de exclusão de sílaba inicial e final, no nível escolar e pré-escolar

No Gráfico 6 observam-se não só diferenças entre os grupos pré-escolar e escolar, como também, dentro no grupo pré-escolar, diferenças significativas entre o desempenho na exclusão de sílabas iniciais (15,83%) comparativamente à exclusão de sílabas finais.

Na Tabela 7, apresenta-se os resultados por nível de escolaridade e por localização da sílaba a excluir, com a informação adicional relativa à estrutura silábica.

sílabas iniciais						
	V	VC	CV	CVC	CCV	CCVC
<b>pré-escolar</b>	16.67%	22.5%	17.5%	17.5%	17.5%	10.83%
<b>escolar</b>	100.00%	93.33%	96.67%	100.00%	96.67%	76.67%
sílabas finais						
	CV	CVC	CCV	CCVC		
<b>pré-escolar</b>	69.17%	61.67%	66.67%	66.67%		
<b>escolar</b>	91.97%	96.67%	100.00%	98.33%		

Tabela 7: Percentagem de sucesso em tarefas de exclusão de sílaba inicial e final, por tipos de sílabas, no nível escolar e pré-escolar

Assumindo globalmente a *localização da sílaba a excluir* e o *nível de (pré-) escolaridade* e tendo em conta a inconsistência das respostas fornecidas pela amostra, a capacidade de excluir sílabas em posição inicial e final, em crianças em idade escolar e pré-escolar, não parece ser especialmente favorecida ou desfavorecida pelo formato da sílaba alvo.

Em suma, os resultados de Santana (2008) evidenciaram um *efeito de idade/escolaridade*, um *efeito de localização de sílaba* (sílabas finais > sílabas iniciais) e um *efeito pouco significativo da estrutura silábica*, tendo em conta estas propriedades.

A tarefa de exclusão de sílaba está praticamente dominada no 1º ano.

Finalmente, o estudo de identificação de sílaba inicial (Jesus, 2008) teve como variáveis idade (pré-escolar 1, pré-escolar 2 e escolar) e estrutura silábica da sílaba tónica (V, VC, CV, CVC, CCV).

No Gráfico 7, seguem-se os resultados das percentagens de sucesso.

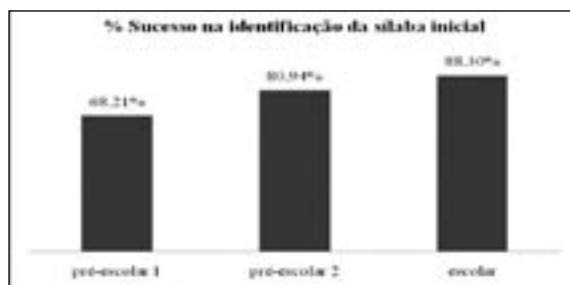


Gráfico 7: Percentagem de sucesso na tarefa de identificação de sílaba inicial, no nível pré-escolar (1 e 2) e escolar

Os resultados de Jesus (2008) revelaram um *efeito de idade/escolaridade* aquando da identificação de sílabas iniciais.

Para verificar o *efeito de estrutura silábica*, nesta tarefa, apresentam-se de seguida os resultados de forma mais detalhada na Tabela 8, por grupo etário e estrutura silábica.

	V	VC	CV	CVC	CCV
<b>pré-escolar 1</b>	58.93%	78.51%	60.71%	64.29%	78.57%
<b>pré-escolar 2</b>	68.75%	84.38%	81.25%	90.63%	79.69%
<b>escolar</b>	66.67%	91.67%	96.67%	98.33%	88.33%

Tabela 8: Percentagem de sucesso na tarefa de identificação de sílaba inicial, por tipo de sílaba, nos diferentes níveis de escolaridade

Os resultados de Jesus (2008) mostram a existência de um *efeito de idade/escolaridade* e a inexistência de um *efeito de estrutura silábica* dissociado de idade. Apenas num dos itens de estrutura V, houve uma taxa de sucesso mais baixa que poderá dever-se a um efeito do estímulo-alvo *alho* da série *ilha, uva, asa*. A tarefa de identificação da sílaba inicial está praticamente dominada desde o pré-escolar (4 anos e 6 meses).

#### 4. Conclusões

Nesta secção, resumem-se os resultados dos estudos acima apresentados, tendo em conta os objectivos desta primeira etapa do projecto, nomeadamente quanto à identificação das propriedades linguísticas a considerar aquando da construção de testes de avaliação da consciência fonológica.

Os estudos aqui apresentados relativos a desempenhos de consciência silábica, fonémica e intrassilábica apontam para um *efeito da escolaridade*, ou alfabetização, na medida em que o desempenho melhora à medida do avanço no grau de escolaridade.

Os estudos sobre consciência fonémica, em particular, mostraram um *efeito de tarefa*, com melhores resultados em tarefas de síntese do que segmentação.

Nos estudos sobre consciência silábica, observou-se um *efeito de localização de sílaba* (em palavras graves), uma vez que as tarefas de exclusão apresentaram melhores resultados quando a sílaba-alvo se encontra na periferia esquerda (sílabas finais > sílabas iniciais).

À semelhança do estudo sobre consciência silábica de Vasco (2008), que identificou uma hierarquia de tipos de sílabas facilitadores em tarefas de consciência silábica, os estudos sobre consciência fonémica de Silva (2008), Afonso (2008) e Aparício (2008) também mostraram um *efeito de extensão de palavra*.

Os estudos desenvolvidos sobre consciência intrassilábica apresentam um *efeito de segmento*, em particular, indicam que a consciência da coda depende do segmento que a preenche e que a aquisição da coda obedece a hierarquias distintas conforme esteja preenchida por segmentos fricativos ou líquidos. Mostrou-se ainda que os núcleos vazios

e reduzidos, associados a codas, influenciam negativamente as tarefas de segmentação silábica de palavras (Meireles, 2008).

Os estudos sobre consciência silábica de Vasco (2008), Santana (2008) e Jesus (2008) mostraram ainda um *efeito de estrutura silábica*.

Os dados aqui reportados revelam a necessidade de criar um teste de avaliação da consciência fonológica que tenha em consideração variáveis de natureza linguística, como o número e o tipo de sílabas de uma palavra, a sua extensão, posição do acento e natureza do segmento, e que considere uma diferenciação dos grupos etários. Um teste que pretenda avaliar a consciência fonológica em crianças e que queira, simultaneamente, discriminar atrasos de desenvolvimento da linguagem deve, pois, ser um instrumento heterogéneo e multidimensional.

## Referências

- Afonso, C. (2005) *Construção e validação de uma tabela evolutiva da consciência fonológica*. Monografia de licenciatura apresentada à Escola Superior de Saúde Egas Moniz.
- Afonso, C. (2008) *Complexidade prosódica e segmentação de palavras (4-6 anos)*. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica Portuguesa.
- Albuquerque, C. P.; C. Martins & M. R. Simões (2007) Teste de consciência fonológica da bateria de avaliação neuropsicológica de coimbra. In. *Temas e problemas: questões sobre o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita 4 (2)*, Edições Colibri, 101-108.
- Afonso, I. (2008) *Consciência fonémica em alunos do 2º ano de escolaridade de duas escolas do concelho de Olhão*. Monografia apresentada à Escola Superior de Saúde da Universidade do Algarve.
- Alves, D. (em prep.) *Questões de hierarquia fonémica associadas à emergência e ao desenvolvimento da consciência segmental*. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Aparício, A. (2008) *Avaliação da consciência fonémica em crianças do do 3º ano de escolaridade numa escola de Freguesia de Quarteira*. Monografia apresentada à Escola Superior de Saúde da Universidade do Algarve.
- Barriguita, S. (2008) *Consciência intrassilábica do [r] e [l] em crianças em idade (pré)escolar*. Monografia apresentada à Escola Superior de Saúde Egas Moniz.
- Borel-Maisonny, S. (s.d.) *Rastreo de Dislexia Borel-Maisonny*. [Adaptações institucionais à Língua Portuguesa não validadas].
- Brady, S. A. & D. P. Shankweiler (1991) *Phonological processes in literacy: A tribute to Isabelle Liberman*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Castro, S. L.; S. Caló & I. Gomes (2007) *Prova de avaliação da linguagem e da afasia em português*. Lisboa: Cegoc [Adaptação à Língua Portuguesa de Kay, J.; Lesser, R. & Coltheart, M. (1992) *Psycholinguistic assessment of language processing in aphasia: PALPA*. Hove: Lawrence Erlbaum].

- Castro-Caldas, A. & A. Reis, (2000) Neuropsicologia do analfabetismo. In. Delgado-Martins, M. R.; Ramalho, G. & A. Costa (eds) *Literacia e Sociedade: contribuições pluridisciplinares*. Lisboa: Caminho.
- Falé, I., Monteiro, O., Faria, I. H. (2001) *TAPAC-PE, Teste de Avaliação da Produção Articulatória de Consoantes do Português Europeu*. Laboratório de Psicolinguística, FLUL. Publicação em CD-Rom, versão 1.0.
- Freitas, G. C. M. (2004) Sobre a Consciência Fonológica. In. R. R. Lamprecht *et al* (eds) *Aquisição Fonológica do Português - Perfil de Desenvolvimento e Subsídios para a Terapia*. Porto Alegre: Artmed.
- Freitas, M.; Alves, D. & Costa, T. (2007) *O conhecimento da língua: desenvolver a consciência fonológica*. Lisboa: DGIDC – Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular, Ministério da Educação.
- Gillon, G. T. (2004) *Phonological Awareness: from research to practice*. NY: Guilford.
- Guimarães, I. & M. Grilo (1997) *Teste de Discriminação Auditiva de Pares Mínimos*. Alcoitão: ESSA.
- Jesus, M. A. (2008) *Identificação de sílaba inicial em crianças de idade escolar e pré-escolar*. Monografia apresentada à Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Setúbal.
- Kline, P. (1986) *A handbook of test construction: introduction to psychometric design*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Maroco, J. (2003) *Análise estatística com utilização do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Meireles, M. (2008) *Consciência intrassilábica da coda em tarefas de segmentação silábica*. Monografia apresentada à Escola Superior de Saúde Egas Moniz.
- Morais, J. & R. Kolinsky (2005) Learning to read and spell. Literacy and cognitive change. In M. J. Snowling & C. Hulme (Eds) *The Science of Reading: a Handbook*. Oxford: Blackwell Publishing.
- Morais, J. (1997) A linguagem e o alfabeto. In *A arte de ler: psicologia cognitiva da leitura*. Lisboa: Edições Cosmos.
- Santana, I. (2008) *Exclusão Silábica em crianças de idade escolar e pré-escolar*. Monografia apresentada à Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Setúbal.
- Silva, A. C. C. (2003) *Até à descoberta do princípio alfabético*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Silva, A. C. (2001) *Bateria de provas fonológicas*. Lisboa: ISPA.
- Silva, A. C. (2008) *Avaliação da Consciência Fonémica em crianças do 1º ciclo - 1º ano, de uma escola de Faro - Provas de Segmentação e Síntese fonémica*. Escola Superior de Saúde de Faro, Universidade do Algarve.
- Sim-Sim, I.; Ramos, C. & Santos, M. M. (2006) Prelúdio para cinco estudos. O desenvolvimento da consciência fonológica e a aprendizagem da decifração. In. *Ler e ensinar a ler*. Lisboa: Edições ASA.

- Sim-Sim, I. (2001) *Avaliação da Linguagem Oral: Um contributo para o conhecimento do desenvolvimento linguístico das crianças portuguesas*. 2ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sua-Kay, E. & M. E. Santos (2003) *Grelha de observação da linguagem – nível escolar*. Alcoitão: Escola Superior de Alcoitão.
- Sua-Kay, E. & Tavares, M. D. (2007) *Teste de avaliação da Linguagem na Criança*. Lisboa: Oficina Didáctica.
- Torgesen, J. K. & Bryant, R. B. (1993) *Test of Phonological Awareness*. Austin, TX: Pro-Ed [Adaptações institucionais à Língua Portuguesa não validadas].
- Vasco, J. (2008) *Segmentação silábica em crianças em idade escolar e pré-escolar – dos quatro anos e seis meses aos sete anos e cinco meses de idade*. Monografia apresentada à Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Setúbal.
- Viana, F. L. (2002) *Da linguagem oral à leitura. Construção e validação do Teste de Identificação de Competências Linguísticas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Viana, F. L. (2001) *Melhor falar para melhor ler: um programa de desenvolvimento de competências linguísticas (4-6 anos)*. Braga: Centro de Estudos da Criança - Universidade do Minho.
- Veloso, J. (2003) *Da influência de conhecimento ortográfico sobre o conhecimento fonológico. Estudo longitudinal de um grupo de crianças falantes nativas do Português Europeu*. Tese de doutoramento Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Yavas, M., Matzenauer-Hernandorena, C. L. M. & Lamprecht, R. R. (1991) *Análise de traços distintivos. Avaliação fonológica da criança*. Porto Alegre: Artmed.